PINGA-FOGO

■ **PSDB COM PAES - O prefeito do Rio, Eduardo Paes, anuncia no próximo dia 08 a entrada do PSDB na sua gestão. O acordo foi celebrado diretamente com o deputado Aécio Neves, dirigente da legenda. Paes e Aécio são amigos de longa data. O alcaide já foi uma das estrelas do partido na Câmara Federal por 4 anos.**

■ O deputado federal Marcelo Queiroz será anunciado, no mesmo dia 08, como o novo integrante do primeiro escalão da Prefeitura do Rio. Ele tem um perfil para uma pasta mais técnica. Já foi secretário de Administração do próprio Paes. Uma secretaria histórica, com mais de 40 anos, que foi extinta na gestão de Marcelo Crivella. Mas caberá a Paes decidir onde acomodará o parlamentar. A Secretaria de Proteção e Defesa Animal não está descartada. A pasta está ocupada pelo próprio PSD, com o vereador Luiz Ramos Filho, eleito com 20.237 votos. O sonho de Queiroz é ver recriada à sua antiga pasta.

■ **MARCELO QUEIROZ ASSUME SECRETARIA - Para quem estranhou a ida do deputado Marcelo Queiroz para o PSDB, é só lembrar que o partido de Aécio Neves foi firme no apoio à candidatura dele a prefeito na eleição passada, indicando a ex-vereadora Teresa Bergher como vice.**

■ O partido estava literalmente partido com a "puxada de tapete" de Nelson Rocha, que soube que havia sido defenestrado do comando da legenda pela imprensa. Agora com Queiroz, ele ganha uma musculatura política e deixa de ser uma legenda só da cúpula regional.

■ **Aécio sabe o que faz e colocar Marcelo Queiroz como Estrela da legenda trará uma base para a reconstrução. Na próxima eleição, a legenda deverá emplacar um federal. A vaga já tem dono.**

■ MOUNJARO SUMIU - A turma que começou a tomar Mounjaro, a injeção mágica que faz perder peso, após a venda oficial no Brasil, está preocupada. As doses são progressivas. Começa com 2,5 ml, depois de um mês 5 ml e no terceiro mês, 7,5 ml. Só que o fabricante só disponibiliza a disputada a caneta com 5 ml. Quem quer iniciar o tratamento fica impedido, como aqueles que querem continuar. As de 2,5 sumiram e as de 7,5 não têm prazo para ser lançadas. Um colapso no mercado e a Anvisa não dá um pio.

■ **QUER DIÁLOGO - Fala-se nos bastidores que Eduardo Paes tem mandado sinais de fumaça em direção ao Governador Cláudio Castro. Quer reatar a boa convivência entre o Guanabara e o Palácio da Cidade.**

■ TORCIDA PELO DIÁLOGO - Se depender dos marqueteiros e dos amigos de cabelos brancos, o Palácio Tiradentes e o Palácio Guanabara restabelecerão os canais de entendimento entre os dois dirigentes das duas casas. "Este clima entre animosidade de quarentinhas é ruim para o Rio", analisa uma felpuda raposa da política fluminense, que age para apaziguar a harmonia.

■ **MUITO A COMEMORAR - Os 50 anos da Cedae, que brinda o seu lucro recorde de R$ 1 bilhão, serão comemorados nesta sexta-feira no Roxy, reunindo antigos funcionários e amigos da empresa. Não será surpresa se o Roxy vier a ser batizado no futuro de Cedae Roxy, com acordo de naming rights da maior casa de espetáculos do hemisfério Sul.**

■ CIDADANIA NA MARÉ - Aliás, por falar em saneamento, o presidente da Águas do Rio, Anselmo Leal, vai anunciar a entrada da empresa na Maré. Ela está recrutando 250 moradores da região para atender a expansão na maior área de densidade habitacional do Rio. Vai ser uma operação com repercussão nacional. Um presente para os moradores da Maré!

MAGNAVITA

claudio.magnavita@gmail.com
@colunamagnavita

Fotos CM

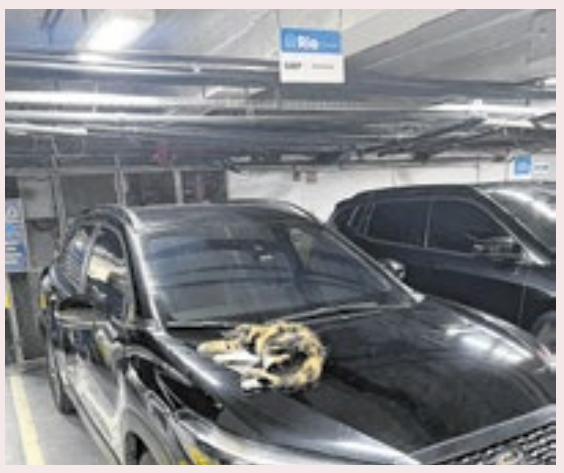
Ao lado de sua esposa Deborah Colker, o diretor artístico da Roquette Pinto, Toni Platão, foi recebido com festa e carinho pelos colegas ao visitar a sede da rádio

Viva o Platão!

Foi emocionante o reencontro de Toni Platão com os colegas da Rádio Roquette-Pinto, onde ele ocupa a direção artística. Os funcionários prepararam uma festa surpresa com direito a banner e muita alegria. Platão chegou ao lado da esposa Deborah Colker na primeira visita à rádio depois de sofrer um AVC. Muito querido pelos colegas, o músico recebeu o abraço e o carinho pelo seu restabelecimento e vitória. O artista, consagrado e muito respeitado no meio musical, foi surpreendido com os balões e o clima festivo. O presidente da rádio, o jornalista Fernando Nogueira, expressou a alegria de ver o colega em franca recuperação e no reencontro com os colegas.

O presidente da Rádio Roquette Pinto, Fernando Nogueira, recebendo o amigo e diretor Toni Platão, que se recupera de um grave AVC

Fotos Redes Sociais



Dizem os místicos que gatos só relaxam em ambiente de boa energia e de paz. Ao contrário do que tem ocorrido na política fluminense e na nacional, com clima de conflitos e guerra entre os partidários, é só observar este flagrante no estacionamento da sede da Cidade Nova, exatamente no capô do carro que serve ao prefeito Eduardo "Paz", cada vez mais no figurino de submergível e de Paes e Amor.

Fernando Molica

Governador de Minas incorpora o Bolsozema e posa de 05

Ao defender a interferência norte-americana no Supremo Tribunal Federal, o governador de Minas, Romeu Zema (Novo), pré-candidato ao Palácio do Planalto, mostrou que, caso eleito para o Planalto, descumprirá o juramento constitucional que obriga o presidente a sustentar a integridade e a independência do Brasil.

Ele, como qualquer outro cidadão, tem o direito de criticar o STF e o ministro Alexandre de Moraes, até de defender e articular seu impeachment. Mas não pode dar ao presidente de outro país — no caso, da maior potência econômica e militar — o direito de perseguir um integrante da suprema corte brasileira, órgão máximo do Poder Judiciário.

Ontem, em debate promovido pelo jornal O Globo, Zema, ao comentar as punições de Donald Trump a Moraes, Zema disse que o magistrado "paga pelo que plantou". Para o governador, portanto, é aceitável que a Casa Branca tenha o direito de se meter de maneira direta na vida institucional do país que ele pretende um dia presidir.

É a velha história do passar boi e passar boiada: ao dizer uma espécie de bem feito para Moraes, Zema abre caminho para que os Estados Unidos ou qualquer outra potência interfira nos poderes Executivo e Legislativo do Brasil.

Uma postura que não chega a ser de todo supreendente para um político que relativizou a existência de ditadura militar no país entre 1964 e 1985 — "questão de interpretação", segundo ele. Como não se um presidente constitucional não tivesse sido derrubado, como se cadáveres de adversários mortos pelo regime fossem abstratos. Sequer havia eleições para presidente e governadores.

Zema, assim, dá sua aprovação prévia à possibidade de que os EUA, a exemplo do que fizeram em 1964, ajudem a derrubar um presidente da República. Descumpre de maneira antecipada o compromisso básico de um mandatário, o de defender seu país e suas instituições.

Num esforço para se mostrar confiável à família e aos eleitores de Bolsonaro, Zema não tem economizado gestos para se mostrar um leal vassalo do ex-presidente e, agora, ao augusto soberano Trump (os adjetivos constam da carta em que Joaquim Silvério dos Reis denunciou os inconfidentes).

Também ontem, em entrevista à Jovem Pan News, o governador disse que o norte-americano "tenta reconduzir o Brasil para onde nunca deveria ter saído". Reconhece, portanto, que a Casa Branca tem o direito de fazer com que sua vontade se imponha ao desejo manifestado por brasileiros nas urnas.

Zema, não custa reiterar, pode criticar a política externa do governo, o estímulo brasileiro ao Brics, a integração econômica com países como a China e a Rússia. Pode até cometer o desatino populista de vincular relações econômicas à religião predominante em cada país, ainda que os Estados Unidos jamais tenham dado bola pra isso.

Mas o governador, na ânsia de se transformar numa espécie de Bolsozema, de se integrar à família do ex-presidente como se fosse o filho 05, não tem o direito de relativizar a independência e a soberania do seu próprio país.

A questão vai muito além do visto e do cartão de crédito de Moraes. O texto do documento que oficializa as chantagens contra o Brasil fala que fatos ocorridos em nosso país representam "ameaça incomum e extraordinária à segurança nacional, à política externa e à economia dos EUA".

Ameaça incomum e extraordinária à segurança nacional, vale repetir. Ou seja, o decreto de Trump abre margem para retaliações ainda mais graves, no limite, à tomada de medidas de caráter militar contra o Brasil. E Zema, que quer ser presidente da República, acha isso tudo razoável.

Em 1999, para impedir a privatização de Furnas, o então governador mineiro Itamar Franco despachou 2.500 soldados da PM para as margens de uma hidrelétrica da empresa, onde fariam exercícios militares — a pressão deu resultado.

O gesto foi ironizado, visto como mais uma excentricidade do ex-presidente da República. Mas Itamar fez o que achou necessário para defender os interesses de seu estado. Não agiu como súdito do Visconde de Barbacena que hoje dá expediente na Casa Branca, não beijou seus pés.

Tales Faria

Geraldo Alckmin barra tentativa do MDB de pegar a vice em 2026

"Só se o presidente Lula não me quiser", foi o que informou a lideranças nacionais do PT o vice-presidente da República, Geraldo Alckmin (PSB), sobre a hipótese de deixar de concorrer à reeleição em 2026.

Os caciques do PT que ouviram de Alckmin a resposta à sondagem levaram-na a Lula. O presidente da República bateu o martelo, pelo menos por enquanto: "Então, por mim, não troco de vice."

Para complementar a articulação pró-Alckmin, então é preciso uma manifestação pública do PT. É o que o partido está disctutindo às vésperas do Encontro Nacional da sigla que ocorre neste final de semana em Brasília: se fecha ou não uma recomendação formal à permanência de Alckmin na chapa.

O PT fez a sondagem porque caciques do MDB defendem que, com um emedebista como vice, seria mais fácil derrotar a parcela do partido contrária a apoiar Lula.

O grupo que faz oposição a Lula é comandado pelo prefeito de São Paulo, Ricardo Nunes. Defende o apoio do MDB a uma candidatura presidencial do governador Tarcísio de Freitas (Republicanos).

Isso abriria espaço para o próprio Nunes concorrer a governador com apoio de Tarcísio. Um acerto do MDB de São Paulo com o Republicanos conta com a simpatia do presidente nacional do partido, o deputado federal Baleia Rossi (MDB-SP).

Para barrar este acerto em São Paulo, caciques do MDB do Norte e do Nordeste levaram a Lula a proposta de troca do vice. Ouviram do presidente que ele só a faria se Alckmin quisesse.

Foi aí que o presidente da República autorizou o PT a sondar o vice.

As conversas entre Lula e os caciques do MDB sobre 2026 ocorreram antes do tarifaço de Donald Trump contra o Brasil.

Alckmin já estava prestigiado por Lula e contava com simpatia crescente dentro do PT.

Depois que comandou as bem-sucedidas articulações para mitigar os efeitos do tarifaço, Geraldo Alckmin ganhou ainda mais força.

Lula passou a ver seu vice atual com pontos semelhantes ao do vice-presidente da República durante seu primeiro mandato: o empresário José Alencar.

O que chamou a atenção de Lula para a semelhança entre os dois foi a atuação de Alckmin utilizando o empresariado brasileiro como ponte junto aos empresários norte-americanos para convencer o governo dos EUA a diminuir o tamanho do tarifaço.

Como José Alencar, Alckmin mostrou livre trânsito e que é muito bem-quisto pelo empresariado. Também como Alencar, Geraldo Alcmin mostrou-se um vice fiel, trabalhador e discreto quando precisa ser.

Uma parcela do PT, no entanto, ainda via com bons olhos a possibilidade de o vice concorrer a governador ou ao Senado, em São Paulo, trazendo mais votos para Lula no estado.

Mas, fortalecido pelas negociações do tarifaço, Geraldo Alckmin insistiu que não deseja disputar nenhum dos dois cargos. Nem o Senado, nem o governo estadual. Deixou claro que prefere manter-se na chapa com Lula.

Diante de seu fortalecimento, a opinião do vice serve como uma blindagem contra o avanço do MDB.

Na verdade, Lula e o comando petista avaliam que não precisam dar a vice ao MDB para atrair o apoio do partido no Norte e no Nordeste em 2026. Este apoio já está dado.

Além disso, a vaga de vice na chapa não faria com que o prefeito Ricardo Nunes e seu grupo deixassem de apoiar a eventual candidatura presidencial de Tarcísio de Freitas.

Ou seja, a troca seria um jogo de soma zero com risco de deixar insatisfeito um aliado como Alckmin, que caiu nas graças de Lula e do PT.